

O VINHO
DO PORTO

PROCESSO DE UMA BESTIALIDADE INGLEZA

EXPOSIÇÃO A THOMAZ RIBEIRO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO
LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE
EDUARDO DA COSTA SANTOS — EDITOR

—
1884

A THOMAZ RIBEIRO

*Como sei que o teu amor ás perfidas trêtas e
manhas de Inglaterra não é dos mais acrizola-
dos, venho offerer ao teu sorriso um SPECIMEN
de bestialidade ingleza.*



A trinta e cinco annos que um bretão anonymo lavrou na *Westminster Review* a condemnação do vinho do Porto como delecterio e empeçonhado por acetato de chumbo e outros toxicos anglicidas. O homem, pelas rábidas violencias do estylo, parece ter redigido a calumnia depois de jantar, n'uma exaltação capitosa do tannino do alvarilhão que elle confundiu com as afflicções dos venenos metallicos. Lembra lamentosamente, com a lagrima das

bebedeiras ternas, o seculo dezoito, em que o genuino licor do Porto era um repuxo de vida que irrigára a preciosa existencia de grandes personagens da Gran-Bretanha. Recorda Pitt e Dundas, Sheridan e Fox, famigerados absorventes do nosso vinho. Diz que Lord Eldon e Lord Stowel, graças infinitas ao Porto, reverdejaram e floriram em velhos; e Sir William Grant, já decrepito, bebia duas garrafas de *Porto*, a cada repasto, para conservar crystallinamente a limpidez das suas faculdades mentaes e a rija musculatura de todos os seus membros já locomotores, já apprehensores, e o resto. Lamenta que Pitt, debil de compleição, com o uso immoderado d'este tonico, e em resultado de plethoras frequentes combatidas com ammoniaco e sulfato de magnesia, vivesse dez annos menos do que viveria, se possuisse o incombustivel estomago curtido do veneravel Lord Dundas.

Sucedeu, porém, ao collaborador da *Westminster Review* achar-se dyspeptico, com

azías, relaxes intestinaes, eructações cloacinas, e o craneo sempre flammejante como suja poncheira, com o encephalo em combustão de cognac e casquinha de limão—isto depois de saturações copiosas dos vinhos adulterados do Porto—*uma mixórdia negra*, diz elle afflicto; mas não sabe decidir de prompto se a degeneração está na raça saxonia, se no vinho portuguez. Pelo menos e provisoriamente considera-se envenenado, o bruto.

Pois o veneno que lograr infiltrar-se nas mucosas inglezas deve ter a potencia esphacelante da Agua Tufana dos Borgias. Em Inglaterra os porcos engordam na ceva do arsenico. Que fibras de raça aquella! É que a carne d'um bretão diverge muito da carnadura da restante Europa. O anthropologo Topinard observou que a mortandade nos hospitaes inglezes, em seguimento ás operações chirurgicas, era muito menor que a dos hospitaes francezes. O sabio Velpeau, consultado

pela Academia de Medicina, respondeu que *la chair anglaise et la chair française n'étaient la même*. E não dá a razão da differença, por que a não sabia o grande biologo. Eu, na observancia do dictame do Espirito Sancto, pela boca do *Ecclesiastico*—«não escondas a tua sabedoria» illucidarei o snr. Velpeau. A razão, a scientifica é esta: emborcações de bebidas acidas, e mórmente de cerveja, combatem, como coadjuvantes do acido phenico, a gangrena; ora, o inglez, abeberado de cerveja, é refractario á podridão dos hospitaes. Como se vê, d'esta causal tão obvia um anthropologo é capaz de espremer assumpto para volumes recheados de coisas abstrusas sobre ethnographia, climatologia, morphologia, mezologia, o diabo.

Além da cerveja, a fibrina do porco, saturado de arsenico, entretecida na fibrina do inglez seu compatriota, faz d'elle um Mithridates para os saes de chumbo diluidos no vinho do Porto. O inglez não póde morrer por in-

gestão alcoolica. Se quer suicidar-se com instrumento liquido, tem de asfixiar-se, afogar-se no tunel como o lendario Lord. Elle é immortal, absorvendo; e só pôde morrer— absorvido. Estranho animal! E é senhor das aguas e das melhores garrafeiras! O destino, pela tuba sonora de Camões, disse ao inglez:

Entre no reino d'agua o rei do vinho. ~

(LUS. C. VI.)

Que litros de *Porto* envenenado se calculam efficazes para degenerar um bretão até á dyspepsia e ás agonias da morte?

*

N'esta conjunctura, um possuidor de legitimo *Douro* convidou o intoxicado a beber o elixir fornecido por um commerciante britannico estabelecido no Porto. O negociante fornecedor era o Forrester que desapareceu d'este alfôbre de charlatães forasteiros, de um

modo tragico, ha vinte e trez annos. Logo te contarei essa catastrophe, meu amigo.

A sensação intima que o hospede recebeu nas suas entranhas foi uma novidade, uma delectação de refrigerio em todas as membranas desde o céo da bocca até ao cego e visinhança onde elle sentia os ardores da zona torrida. Emborrachou-se como era de esperar, e seria iniquidade censurar-lh'o; mas o seu cerebro de illuminado espelhava agora as visualidades ethericas, irisadas, do americano Poë. Nem já o ventre lhe rugia como se lá tivesse uma besta-fera embetescada n'uma latrina, nem elle nauseado recorria ás titilações na glote para golphar o acctato de chumbo. O possuidor da garrafeira, para o convencer de que o salvára da morte propinada pelo vinho homicida do Porto, mostrou-lhe dois opusculos inglezes recentemente publicados. Um era de J. James Forrester, e intitulava-se *A Word of truth Port wine*. O outro, por Whittaker, em reforço ao de Forrester, cha-

mava-se *Strictures on a «Word of truth on Port wines». London, 1848.*

Forrester, no seu folheto, desbaratava o valor do vinho do Porto, increpando os lavradores de não diferenciarem, no fabrico, as temperaturas humida, fria, secca e quente; que empregavam promiscuamente toda a casta de uva, adulterando-a com ingredientes adequados ao paladar inglez, mas corrosivos. Na operação do lagar, accusa o lavrador de retardar a fermentação, vasando em cada pipa de môsto entre dose e vinte e quatro gallões de agua-ardente. Que, passados dois mezes, a mixordia era córada com baga, mediante uns sacos de linhagem que espremiam sobre o vinho, e depois atiravam o residuo ao tunel. Em seguida, novo despejo de agua-ardente, e dois mezes de descanso. Esta beberagem enviada para o Porto era novamente «beneficiada» com o veneno alcoolico; e, nove mezes depois, ao sahir para Inglaterra, como golpe de misericordia, nova infusão. De modo

que o vinho entrava no estomago inconsciente do Reino-Unido a razão de vinte e seis gallões de agua-ardente por pipa. Depois, descreve o que seja geropiga, e como ella entra n'estes horrendos mysterios da Brinvilliers. Esta geropiga, como logo direi, fermentou a bestialidade ingleza que passou victoriosamente na Europa em 1849.

Rematada a lista das falsificações, fraudes e ladrocinhas dos lavradores e negociantes portuguezes, Forrester exclama: «Quem assim deteriora o vinho é, a meu vêr, mais criminoso que um ladrão vulgar»; e conclue o seu opusculo n'estes termos: «Os consumidores inglezes devem dar a Portugal uma lição prática, demonstrando que, se a esse paiz convém desfazer-se da sua agua-ardente, que não é nos vinhos do Porto que nos deve impingil-a; por que nós, em Inglaterra, podemos comprar baga e melação por preços muito mais em conta do que Portugal nos incampa o seu licor de que esses ingredientes formam o principal.»

★

Parecia natural e patriota coisa que os negociantes e agricultores de vinho accusassem este detrahidor á animadversão publica, e que a imprensa do baluarte da liberdade o cobrisse de injurias, e algum viticultor mal humorado de bengaladas. Não, meu querido Thomaz Ribeiro. A sua casa luxuosa na Ramada-Alta era o confluente dos próceres portuenses e da provincia vinicola. Titulares, desembargadores-conselheiros, ministros de estado honorarios, os maiores proprietarios do Douro, e poetas arcadicos de pacotilha, que faziam dithyrambos ao jantar:

Evohé,

Padre Lyéo!

Sabohé,

Grão Bassartol!

Ainda se usavam, na bonachira dos velhos, estas rancidas semsaborias remoçadas por uma copiosa tintura de bastardo.

Ali concorria o desembargador Fortunato Leite cheirando os vinhos que já não podia deglutir e arrotando pelo nariz sobre os calices. Ao pé d'elle estava o visconde de Veiros, o Mello das Aguas-ferreas, expondo a dois morgados de Riba-Douro a sua erudição em genealogia, uma sciencia em que se distinguem muitos parvos, se tem memoria. O ministro de estado honorario, João Elias, alambasava-se em pudding que comia com a faca. O Affonso Botelho, de Passos, d'uma *gentil-hommerie* transmontana, paparrêta, rorejan-do as phrases e os circumstantes com uma salivação caudal expedida d'entre os dentes illegitimos, como do crivo de um borrifador. Elle chamára patife a Forrester em 1845, no *Periodico dos Pobres*, e acclamava-o então nos brindes o anjo tutelar do Douro que lhe comprava as colheitas a elle Affonso.

Avultava o velho Manoel Browne, dominando a vozzeria com as suas gargalhadas estridentes e honradas. O typico Gonçalo de Barros, a correcção no despejo, negociante de vinho, de casamentos proprios e alheios, de tudo que é negociavel, com mais farças e melodramas e tragedias na sua vida que o Archivo do extincto theatro do Salitre; insinuando-se com incomparaveis negaças de artista nos corações dos amigos e sahindo pelas algibeiras quando achava estas avenidas aéreas de mais e metalisadas de menos. Elle foi, não obstante, um tracista infausto, por haver nascido em um meio estreito de mais para o largo bracejar das suas faculdades mercantis. Seria o mais sagaz negociante encyclopedico da monarchia, se os seus parceiros em veniagas não fossem tambem os negociantes mais sagazes da mesma monarchia, todos conjurados em desabarem do seu legendario ponto d'alta honra a Praça do Porto. E a Praça sempre impavida em meio do

fracassar das ruínas, como o homem justo de Horacio, metaphoricamente fallando—*Impavidum*, etc. Via-se o Eduardo Moser, então visconde embrionario, a esperteza do alho e a finura do coral feita homem; manancial de salvaterios commerciaes, agriculas, industriaes, esterilizados pela inveja e pela ignorancia dos seus auditorios; raro dom prelucido de profecia, mas condemnado, como Cassandra, a não ser acreditado. Seria capaz de inventar a Methaphysica commercial, levando á transcendencia o phenomeno do Cambio. Usa do telescopio de Herschell para vêr o Porto nas dimensões da Philadelfia. Ás vezes, cuida que vai seismando em empresas arrojadas ao longo de *Regent Street*, e encontra-se na rua dos Caldeireiros entre uma loja de funis e uma tenda de tamancos. Vive miraculosamente no meio dos seus collegas da rua dos Inglezes e Cima do Muro como Daniel no fójo dos leões. De resto, com uma estatura franzina, e menos de me-

diana, tem um temperamento de dynamite. Quando lhe é forçoso cascar um sóco em um homem alto (e eu já vi) cresce um covado pela medida velha. Tem a elasticidade do Relatorio e do *boxing*. Produz uns Relatorios colossaes que, se lhe puxassem tanto pelo corpo como pelo espirito, s. exc.^a seria o visconde mais corpulento da sua freguezia. Não obstante, e fallando por figura, elle hade ser sempre o gigante do Relatorio correcto, que fará alguma vez impacientar o ouvinte futilmente leviano, mas nunca fará gemer a Razão filha de Deus, nem a Grammatica filha do Lobato.

Confluiu a todos os jantares assignalados o arcediago Cunha Reis, um velho palaciano de Braga, adípso, apesar de ressecado interiormente por diversas ingratas materialistas que elle idolatrava com psychologismo incomprehendido, mas consentaneo á sua idade séria. Sentindo-se fatigado e algido da viagem por sobre o dezerto glacial da velhi-

ce, foi ao convento da Falperra, onde morava um egresso, fez confissão geral e deixou o coração penitente aos pés da Virgem. Depois, renunciando o coração, nenhum esteio amparador do gôsto de viver lhe ficou. Fechou-se no seu quarto, e, sósinho, morreu de uma congestão de saudade da sua juventude que fôra um manso idylio de Gessner com ligeiras intermittencias febrís de Saint-Preux. Este adoravel cavalleiro-professo chamava-me filho; e, se ouvia fallar de amores, chorava, dissimulando as lagrimas com um sorriso ironico da sua fragilidade serôcia.

Era certo o João Nogueira Gandra que recitava sonctos de improviso com quinze dias de lima e de contagem pelos dedos, sob a torrente da inspiração. O visconde d'Azevedo lia poemas de sua lavra engenhosa em fórma graphica de copos e garrafas, cheias de versos de varios metros e de larachas honestas. O Lopes de Vasconcellos, um gordo, governador civil, ouvindo os

poemas bacchicos, dava na barriga palmadas sonoras, inteligentes, rindo muito, e—que a poesia era aquillo, uma coisa com pilheria, porque versos de choradeira não os podia tragar,—affirmava, alludindo ao episodio da Ignez de Castro, do Camões, recitado por João Thomaz Quillinan com uma sentimentalidade plangente e languida, toda feita de moscatel de 1830. Em cavaqueira sabia e transcendente, o abbade de Macieira, pregador régio, um Massillon á altura do paiz, concordando com o theologista visconde de Azevedo, asseverava que Virgilio prophetisara o advento do divino Messias; e os dois, com as pitadas engatilhadas aos narizes rubros, recitavam alternadamente, com emphase:

VISCONDE

*Ultima Cumuuci venit jam carminis ctas
Magnus ab integro sæclorum nascitur ordo,*

ABBADE

*Fam nova progenies cœlo dimititur alto
Tu modo nascenti puero...*

O Quillinan, um atheu esclarecido, escutava-os; e, sublinhando o sorriso heretico, perguntava se o *nascenti puero* virgiliano não seria o filho de Asinio Pollião, herdeiro de Augusto, protector do poeta da Encida. Os theologos affirmavam que não, sibilando o seu meio-grosso, reserva do mestre da fabrica.

Concorriam tambem os irmãos do D. Jeronimo bispo do Porto, dois velhos casquilhos, vegetalisados em dois pimentões ao *toast*, sempre á cata d'umas Suzanas pouco ariscas, Suzanas da barçaça do João Coelho a 8 vintens por banho—e mordiscavam com as suas dentaduras de gutta-percha varios pomos sorvados e nada prohibidos. Fallavam de amores sardanapalescos com o medico Assis, um

frascario de muita experiencia que lhes recommendava bifes na grelha e parcimonia, sopas de vinho com canella e alguma pudicia. Eram a justificação de Lafontaine:

.... *dans les mouvements de leurs tendres ardeurs,
Les bêtes ne sont pas si bêtes que l'on pense.*

Era tambem infallivel nos lautos banquetes do Forrester o Custodio Pinheiro, visconde de Villa Verde, a contar ao João Elias que a sua esposa, cosinhava uns ricos *fosferinhos* (foshinhos) para o chá; mas que elle já não podia cear senão chá preto com *fateias*. Defronte, o visconde de Alpendurada, presidente da camara, promettia a um jornalista, se os eleitores o conservassem á testa do municipio, dotar o Porto com o embellesamento das latrinhas *theodoras* (inodoras). Um folhetinista d'aquelle tempo, o creador do espirito nas gazetas portuenses, Evaristo Basto, dizia-lhe que seria melhor, em vez de dotar o Porto com

latrinas theodoras, o embellesasse antes com algumas donzellas do mesmo nome. Estes dois viscondes, aliás bons homens e creadores de linhagens de boa medrança, vão já tão longe que, quando me lembram, chego a confundil-os com os primordios das castas nobres, tal qual como se elles, senhores feudaes, tivessem ido á conquista do santo sepulcro com os Godofredos e os Tancredos.

Elles, enfim, riam-se uns dos outros, e o José Borges, hoje visconde do seu Castello, ria-se de todos com um sorriso solertemente cortezão.

O Forrester, muito fôfo e empantufado, com as suas fanfarronias *poscuses*, marrafa frizada e gravata branca assás conhecida, e mais os bofes anilados da camisa, nas illustrações da burguezia dos romances de Dickens, batia no peito enchumassado e na testa com as pontas dos dedos; e, com a cara açafroada em arreboes do Paraizo e das adegas do Pinhão, apontava, soluçante, para

uma primorosa tela de Roquemont—o retrato de sua defuncta esposa que o contemplava do céo em moldura de talha dourada; e elle amava tanto aquella vera effigie, testemunha de suas lagrimas, que a trocou, e mais outros bonecos de barro por vinhos de Antonio Bernardo Ferreira. Bem bom negocio para o inglez—está claro.

Ora estes commensaes de Forrester, quasi todos vinhateiros, ignoravam, excepto dous ou trez, a lingua ingleza e desconheciam portanto o descredito com que o amphitrião marcára os seus vinhos no mercado de Londres; mas o governo, que possuia idiomas como um Calepino, pegou de uma corôa de barão e pôl-a na cabeça de J. James—*barão de Forrester*. E, se não morre tão cedo, e faz nova edição das calumnias contra a mais rica e ameaçada industria portugueza—uma segunda edição peorada e mais incorrecta—o governo luso fasia-o visconde, não é verdade? A pergunta não é feita ao ministro do reino

de 1883: é ao Thomaz Ribeiro que em 1849 entrava na adolescencia. (1)

(1) Quando o barão de Forrester pereceu por desastre, um dos mais authorisados jornaes do paiz, escreveu sentimentalmente o seguinte: «... A morte desgraçada do sr. barão de Forrester a todos penalisava, pois o muito que aquelle illustrado cavalheiro se interessára sempre pela sorte do Douro, os bons serviços que lhe prestou com os seus escriptos... o tornaram geralmente estimado... Mostrou-se sempre muito dedicado a este paiz, e por muitas vezes associou o seu nome aos dos que mais trabalharam para os seus melhoramentos e progresso.» - *O Commercio do Porto*, de 14 de maio de 1861.

Um correspondente da Regua para o mesmo jornal e no numero seguinte, escreveu: «É sincero o sentimento geral que produzia a noticia da morte do sr. Forrester, e são bem justas as lagrimas que se derramam por tão desastroso acontecimento. É uma divida sagrada que se paga á memoria do distincto cavalheiro que tanto se sacrificou por este paiz. Portugal e especialmente o Douro muito lhe devem... Apesar de estrangeiro era portuguez do coração por que poucos filhos d'esta patria mais fizeram por ella nem mais amaram...»

Parece, pois, que os exemplares da diffamação do vinho do Porto eram desconhecidos em Portugal. Que fé nos hade merecer a historia e a biographia escripta por contemporaneos, quando o facto social erradamente julgado, ou a vida de um individuo favorecida pela adulação, ou deturpada pelo odio, não tiverem contradictores, tambem coevos, a contrastal-a!

*

Para corroborar o Forrester e açular as iras contra o vinho do Porto, o outro pamphletista, Whittaker, invoca a opinião unanime dos medicos inglezes que reputam o vinho procedente de Portugal uma peste para o estomago e para o figado; por quanto o summo da uva é quasi uma idea abstracta na moxinifada de aguardente, baba, melação e *jeropiga*. Elle não escreve sem desculpavel horror a palavra JEROPIGA.

Porquê? Vaes agora entrar no segredo da bestialidade ingleza, meu amigo.

Foi assim.

James Forrester, tão respeitador dos vinhos portuguezes como da nossa orthographia, tinha escripto «Jeropiga» com J. Parece que d'esta bagatella não devia surdir grande equivoco na percepção do pensamento; porém, succede que a palavra com G ou com J dá

duas significações de coisas e serventias, e entradas e saídas muito diversas. Whittaker, para saber radicalmente o que era *Jeropiga*, abriu o *Dicionario portuguez* de Constancio, e encontrou: JEROPIGA, *Ajuda, clyster, bebida medicinal*.

Tremulo de indignação e livido de nôjo, brada o inglez: «Esta ultima expressão (*bebida medicinal*) é o mesmo que *mézinha*; quanto ás duas primeiras (*ajuda, clyster*) são a mesma coisa, tem o mesmo sentido, e dispenso-me de as traduzir. Que *bellas* coisas a gente bebe!»

Ó Thomaz Ribeiro, quem não sentiria vontade de mandar o inglez beber outras?

Mas o peor da passagem foi que a droga do clyster diluida no vinho do Porto fez abalo intestinal no mercado de Londres. Raro seria o consummidor de vinhos portuguezes que não levasse as mãos convulsas á região hypogastrica, com ptyalismo e vomitos. O artigo foi logo trasladado a francez, em Bru-

xelles, na *Revue Britannique ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne* (1849). Em Paris foi commentada desabridamente, com chalaças, a porca e pelintra fraude lusitana em um artigo da *Revue Oenologique*. Portugal, á conta do execravel jota de Sir James Forrester, foi considerado um paiz de immunda selva-geria que, ministrando clysteres pela bocca, tornava communs de duas entradas as suas mézinhas. Triste!

A honra e a limpeza de Portugal seriam desaffrontadas, se Forrester, Whittaker e os seus traductores ignaros procurassem *Geropiga*, com *G*, no Constancio ou no Moraes. GEROPIGA (esclarece o segundo), *liquor feito de mosto de vinho, sobrecarregado de aguardente, que se usa no Douro para tempero de vinhos*. E accrescenta: JEROPIGA, *differe*.

*

O aleivoso clyster que, provavelmente, ainda hoje traz impressionados e receosos os espiritos e os baixos ventres dos nossos fieis alliados, conspurca bastante a memoria do barão de Forrester. Foi este inglez quem, empunhando a seringa da calumnia involuntaria por insufficiencia de orthographia, deu essa antecipada ajuda ao sinistro destino que já então vaticinava a catastrophe do paiz vinicola. Avoluma-se, porém, o delicto do barão quando é notorio que elle deixou correr o aleive bestial do seu patricio, e não acudiu a corrigir o erro e as sujas consequencias e derivações que Sir Whittaker tirou do drastico *jota*. Se elle fosse um ignorante honesto, sahiria a protestar que a geropiga, não sendo clyster alimentario, nem medicamentoso, nem narcotico, nem laxante, nunca tentou usurpar as virtudes emolientes e diluentes das malvas,

nem do laudano de Sydenham, e muito menos da jalapa e da mamona. Quanto ao mechanismo de ingerir a geropiga no corpo humano, deveria ter explicado que funciona por meio de taça, calice, copo, garrafa, pichel, cabaça, cangirão, caneca, e tambem borracha, mas sem canudo recto ou curvo; e, para destruir pela raiz a calumnia, deveria jurar pela sua honra que nenhum portuguez, quando absorve geropiga, faz uso do Clyso-bomba de Darbo, ou do irrigador Eguisier; sendo certo que, na ingestão de tal liquido, se dá sempre a completa ausencia de canudos, bombas, torneiras, embolos e engrenagens que desandam e esguicham. A geropiga bebe-se, engole-se, escorrupta-se; mas não se seringa jamais. Que o saiba a Inglaterra. A não ser na perfi-da Albion, em parte alguma do velho e novo mundo o vinho do Porto incutiu suspeitas de penetrar nas entranhas humanas por um impulso ascensional, com intenções dissolventes ou refrigerantes. Os nossos irmãos trans-

atlânticos, afeiçoados patrioticamente ao vinho do Porto, jámais o infiltraram na sua economia intima sob a hypothese pharmaceutica de que elle contenha anda-açu, cayapó, tayuyá ou a purga de João Paes.

Nicolau Tolentino, no soneto realista dedicado á conjugicida Isabel Clesse, — soneto pouco digno de entrar no seio das familias, e quasi indecente como obra de mestre de Rhetorica—deixou, em dois versos, bem definido o methodo de matar clystermente:

*Que novo invento é este de impiedade
Que extirpar gente vem pela trazeira!*

Elle, como se vê, designa com rigor topographicamente anatomico a parte vulneravel. Essa inversão do processo homicida, isto é, o clyster bebido, apenas seria explicavel e até plausivel, se os catholicos lavradores do Douro, quando punham no vinho a substancia irritante da ajuda, tivessem d'ólho acabar

com os heroges inglezes, seguindo o conselho do poeta no mesmo soneto:

*Se tens desejos d'estas obras pias,
Vae fazer aos hereges esta esmola,
Serás a extirpação das heresias!*

Se Forrester, consultando este expositor, e mais o *Diccionario* sobre *Geropiga*, e as praticas desobstruentes dos esponjosos desembargadores avinhados seus commensaes, houvesse atirado aos quatro ventos da Europa estas leaes explicações, teria lubricado o ventre da sua alma perante a justiça divina com esse mesmo clyster que lhe peorou as condições excrementiciaes.

*

A morte desastrosa do barão de Forrester, em 12 de maio de 1861, é uma das mais notaveis vinganças que o rio Douro tem exerci-

do sobre os detractores dos seus vinhos. A familia Ferreirinha da Regua, composta de D. Antonia Adelaide, de seu marido Silva Torres, o millionario, digno de o ser pela bizzarria das suas generosidades, de sua filha e genro, condes da Azambuja, tinham ido, rio acima, á sua celebrada quinta do Vesuvio, e convidaram o barão de Forrester a passar uma semana em sua companhia. No dia 12, um alegre domingo, sahiram todos do Vesuvio, na intenção de jantarem na Regua. O Douro tinha engrossado com a chuva de dois dias, e a rapidez da corrente era caudalosa. Aproando ao ponto do *Cachão*, formidavel sorvedouro em que a onda referve e redemoinha vertiginosamente, o barco fez um corçovo, estalou, abriu de golpe e mergulhou no declive da catadupa. O barão soffrêra a pancada do mastro quando se lançava á corrente, nadando. Ainda fez algum esforço por apégar á margem; mas, fatigado de bracejar no têzo da corrente ou aturdido

pelo golpe, estrebuchou alguns segundos de agonia e desapareceu. Salvaram-se os outros, não todos, com a protecção de uns barcos que ahí estavam para recolher o despojo de outro naufragio de um transporte de cereaes. Livrou-se Torres, o futuro par do reino, agarrado a um barril de azeite, até que o recolheram a um dos barcos. D. Antonia e o conde de Azambuja aferraram-se ás dragas do barco. A condessa foi salva por um marinheiro. Um juiz de direito, Aragão Mascarenhas agarrou-se á vâra do barco rijamente, qual o temos sempre visto filado á vara da Justiça, em naufragio de trapanças. Mas nem todos sahiram com vida. Um creado de Torres foi logo tragado pela cachoeira; e, abraçada com a vella, já quando se lhe estendia um braço redemptor, afo-gou-se uma creatura a quem os noticiaristas não deram a minima importancia.

Pois foi uma perda insubstituível. Era a Gertrudes, um tesouro de joias culinarias

*

que a voragem enguliu. Foi esta mulher uma alma transmigrada das refinadas civilizações pagans, a metempsychose de algum genio do lar que presidira ás ucharias da Roma dos Cezares. Foi a cozinheira primacial do Porto, onde residia. Tinha sido chamada por D. Antonia Ferreira para dirigir os jantares dados ao barão de Forrester, no Vesuvio.

Ali acabou. O rôlo de uma onda regeitou-a morta contra um lapêdo carcomido de cavernas sonoras a gottejar o lôdo da babugem.

✱

Devo a esta creatura o gaudio ineffavel de me sentir viver nas palpitações de uma felicidade edenica desde os vinte e tres annos de idade até esta decrepitude verdejante de bucolicos musgos. Mal me lembra que pequeno serviço eu fizera ao marido d'ella, um bravo e envelhecido alferes de veteranos que se reformára em 1835 por impedido de ser-

vir, crivado de ferimentos graves em algumas batalhas do cerco. Agora me recorde: o alferes estava servindo em um dos antigos telegrafos de paineis, no pincharo de qualquer serra muito agreste, e gemia o seu rheumatismo seis mezes e saudades da mulher o resto do anno. Consegui que o deixassem viver com a sua Gertrudes, que o não acompanhára ás solidões dos telegrafos de taboinhas por não prescindir do grande estipendio como directora de cozinha nas lautas Lupercaes politicas, por esse tempo, frequentes no Porto.

Comia-se então muitissimo no Baluarte por excellencia. Ministro ou general que chegasse a fazer ou desfazer revoltas, cabecilha eleitoral que viesse arregimentar as suas hostes, enchendo-lhes a consciencia de liberalismo e carneiro guisado com batatas, era contar com opiparas comezanas em que os cabralistas levavam enorme vantagem na profusão. Os homens de Setembro, os *patulêas*,

em 1849, distinguíam-se na frugalidade. Os irmãos Passos alimentavam rusticamente os seus organismos plebeus, de Cincinnati, endurecidos na educação do toicinho e das feculas de Bouças. Os seus correligionarios andavam ainda na aprendizagem de comer, e ameaçavam a magra meza do orçamento para praticarem. Ainda não tinha surgido de vez o Apicio de todos os paladares, o Rodrigo da Fonseca Magalhães, com as suas raposías, o qual, entendendo com Aristoteles que o homem é um animal essencialmente politico, inaugurou o elastério membranoso de todos os esôphagos, sob o specioso lemma de homogeneidade de principios, pela fusão de todos em uma só consciencia que vinha a ser nenhuma propriamente dita, ou o relaxamento de todas as consciencias n'um estomago commum de duas ou trez politicas. E assim conseguiu que todos os candidatos á panella do Estado esmoessem o cornco bólo indigesto das suas

Bernardas no largo e fundo estomago da alma, *mentis nostræ stomachum*, como disse S. Pedro Damião, profetizando a physiologia do espirito politico do seculo XIX (opusc. 12. c, 38. *mili.*)

Gertrudes não tinha mãos a medir, se vinha ao Porto um ministro de obras publicas que deitasse passeio até á Foz e outro passeio até Leixões, tracejando barras com a badine nos páramos do Azul. Então, a classe argentea, uma casta que se investira no patriciado pelo jus da moeda falsa, da escravatura, do contrabando, e talvez do clyster no vinho do Porto, se esse escandalo coubesse no possivel—os philistinos, uma fidalguia com a raiz da arvore de geração na Noruega, á americana—*the codfish's aristocracy*—senhores de navios e balcões unctuosos de substancias alimenticias adulteradas, andavam á compíta a vêr qual havia de espiritualisar mais os ventriculos encephalicos do ministro, ingerindo-lhe altas dózes de

phosphoro por intermedio dos rodovalhos celebrados nos triclinios dos Cressus e Lucullos das Congostas, Rebolleira e alfurjas circumjacentes. As barras da Foz e Leixões ahi se ostentam uns primores d'arte hydrographica attestando que os ministros segregaram perfeitamente o phosphoro, o rodovalho—comeram o peixe e mais a isca. Os amphitriões, esses representam o anzol do anexim; mas, norteando a outras regiões, revelaram uma phantasia oriental, malabar, nos jogos de Bancos.

PARENTHESIS

O AUCTOR (*d parte*)

No Porto há um grupo invulneravel de negociantes que preservam incontaminadas as tradições da probidade antiga. São esses os mais expostos ao azar de partirem os braços, se tentarem encravar as engrenagens dissolventes. Não ha fortuna grangeada com

honra que ouse atravessar sem mêdo as maltas dos salteadores que sahem ás encruzilhadas da politica, se não topam viandantes incautos nas encruzilhadas do negocio.

Se a estocada dos melindres resvalou no arnez d'esta satisfação dada aos homens de bem, fecha-se o parenthesis.

*

—Que ha de novo, madame Brillat-Savarin?

Esqueccu-me prevenir-te, Thomaz Ribeiro, de que eu chamava *madame Brillat-Savarin* á Gertrudes. Custava muito aos melindres estheticos do meu espirito caprichoso em onomastica chamar-lhe *Gertrudes*, um nome de que resa o Agiologio, é certo, mas não sôa lyricamente a orelhas classicas nem romanticas. Auctorisado com as minhas faculdades poeticamente episcopaes de chrismar, chamara-lhe *Gertruria*. Ella, porém,

não comprehendendo a delicadeza do imperfecto anagramma, tomava-o como galhofa. Depois, fiz-lhe entender que os seus talentos a nivellavam com um auctor de fama universal nas delicias do paladar, e por isso me deixasse dar-lhe a ella, feminisando-o, esse nome glorioso e novo no mais descurado ramo das artes uteis entre os portuguezes, incultos hottentotes quanto á culinaria, nutrindo-se com um *menu fort chiche*, pouco avantajado á cosinha dos epicos Affonsos que não conheceram os alimentos nervosos, e devoravam, para accrar o musculo, javalis inteiros na braza como os esquimós comem os ursos e os kangurus. E Gertrudes consentiu que eu, maridando-a espiritualmente com o immortal regalão da França, lhe chamasse *madame Brillat-Savarin*.

Contava-me ella então os jantares que dirigira, a pedido de quem e para quem, com interessantes pormenores, miudezas, bisbilhotices, ridicularias da vida intima. Dest'ar-

te, estava eu em dia com o evolucionismo politico, com a sociologia, com a ethnographia, com as crises catameniaes da CARTA constitucional, com o fomento das obras publicas, especialmente barras de Leixões e Foz. Emfim, eu sabia tudo, sem ressalva das abominações procedentes do fogão; e os deuses me são testemunhas de que eu em cento e tantos volumes de analyse de ruins costumes nunca fiz máo uso dos segredos de Gertruria, quanto a uns pasteis de lagostins e mexilhões que ella cosinhava, a pedido de varias familias, para entreterem sempre accêso o fogo da amizade—o fogo sagrado das vestaes, segundo a lei Pápia.

*

Agora te vou contar como ella me salvou aos vinte e trez annos.

Em 1849, a invasão subita de uma anemia vampirisou-me o pouco sangue desoxigena-

do, desfibrinado, e me poz os ossos em decomposição gelatinosa, a ponto de me deixar em uma ressecção ossea; e, se eu ia durando, é por que já me não restava carne em que se aferrasse a garra adunca da dura Parca de então, ou da «sinistra rameira» como ultimamente lhe chamam os vates.

Gertruria, desde que eu fui á cama, visitava-me a miudo no Hotel-Francez, na rua da Fabrica, um velho palacio que tinha ao rez da rua a officina e escriptorio do *Nacional*, redigido pelo professor egresso Antonio Alves Martins, Almeida e Brito, Damazio, Parada Leitão, Nogueira Soares, Evaristo Basto, Lobo Gavião. Eu tinha a meu cargo a secção das frioleiras. O meu chorado amigo bispo de Vizeu exterminára-me do districto sério do jornal, quando descobriu que os meus *artigos-de-fundo* eram commentarios perpetuos e paraphrases miguelistas ao *Rei-chegou*, escriptas *un peu à la*

diabla. E, na verdade, Thomaz Ribeiro, eu, áquelle tempo, sentia pelos monarchas absolutos tamanho affecto quanto é o odio que hoje professo á canalha absoluta. Um dos meus collegas do andar-nobre d'aquelle edificio de papel ordinario da Abelheira, Sebastião d'Almeida e Brito, dous annos antes, sendo ministro da Junta Suprema do Porto, quando viu a relé armada, urrando morras aos cabralistas proprietarios, enfardelou a sua bagagem para emigrar para Tuy. Alguns dos outros meus collegas nada enfardelaram, por que pouco mais tinham que estylo, um glossario de phrases redondas e polidas como bolas de strychnina contra o conde de Thomar; alguns cabeçalhos de proclamações ao Povo chamando-lhe rei coroado de espinhos; a tragedia de Jesus, o calvario, a esponja, etc., a proposito de um patriota eximio a quem os caceteiros chamórros amolgaram duas costellas; varios threnos gemebundos sobre a patria agonisante de Viriato,

da Brites d'Aljubarrota, de João Pinto Ribeiro e Fernandes Thomaz; e, afóra isto que é de facil transporte para quem emigra, todos tinham palpitantes anhelos na carta de conselho, nas dragonas de general, na escrivaninha de direito, no baculo prelaticio, etc. Pois todos aproaram e abicaram á terra da promissão: só eu fiquei um perpetuo cultor da secção das frioleiras. Nem sequer já possuo uma e unica distincção que tinha, por que ha muitos annos se dissolveu, sem ser dissoluta, a *Philharmonica* da Rua das Hortas de que fui socio; de maneira que hade ser muito difficil provar-se, perante a posteridade perplexa, a minha identidade de portuguez do seculo decimo nono por falta de um habito de Christo. Nem um habito de Christo até á data d'esta! Que este suspiro te não chegue á alma como um remorso, ó Thomaz Ribeiro, ex-ministro do reino, ex-claviculario do cofre das Graças régias! Ah! não. Eu sei que me consideras

sobejamente afidalgado com as caricias das outras Graças parnasianas, filhas de Jupiter e de Venus, trez tarascas incortiçadas, flatulentas, com hysterismos senis, fistulas e dôres osteócopas, repercussões de antigas lubricidades, em saturnaes de batuques compassados por cythara e arrabil com os lascivos Aonios e Melybeus nos outeiros monasticos, nas academias, e nos natalicios das Marcias e Francelias. Sim: nós cá vamos vivendo, ellas e eu, n'um soccorro mutuo de cataplasmas de linhaça, de rapé e chás de tilia.

Tudo mais acabou. O palacio ardeu; os meus mestres e camaradas do *Nacional* morreram todos; e este arcaboço, que resta e conserva o nome que eu tinha então, devem-o á Gertrudes a litteratura nacional e as dezenas de boticas que eu tenho consumido, como um suicida recatado que não quer escandalos.

*

Foi assim que ella me salvou... Mas receio enfastiar-te, meu amigo, sem chegar a sensibilisar-te. O exterminio da Rhetorica foi uma calamidade para os que pretendem commover. A gente, d'antes, conhecia umas figuras de eloquencia que puxavam arithmeticamente um certo numero de lagrimas das coisas, *lacrimæ rerum*, aos olhos das pessoas. Se a glandula do liquido sentimento não se abria ao toque da metaphora, era seguro fender-se golpeada pela penetrante hyperbole. Hoje em dia já se não chora senão com uma ophtalmia. De mais a mais, os artistas superiores no officio de escrever, alvaneis do templo da Memoria, Vitruvios e Possidonios do eterno Pantheon, com pouca argamassa de phrases, ageitavam uns rendilhados nichos de immortalidade para os seus amigos, em quanto eu, cabouqueiro de obra grossa,

terei de ser enfadonhamente palavroso para esquadriar uma lousa, brunil-a, gravar-lhe um *vale* de saudade agradecida, e assental-a sobre uma campa... Uma campa! Não a teve a pobre Gertrudes. Lá se desfez na lei-va barrenta de qualquer adro desconhecido d'aquellas desoladas charnecas do Douro.

*

Assistira, um dia, Gertrudes ao meu jantar e viu que eu me coufrangia enjoado pelo espectáculo repulsivo de meia franga recozida e um caldo branco em que boiavam uns olhos amarellos da enxundia do oveiro da ave. Ella cheirou de longe o caldo fumegante, e disse com engulho:

—Captiva! isto nem com fome de cão se podia tragar!

Que o medico me não deixava comer outra coisa, — balbuciei tão extenuado e offegante que me parecia despegar-se o ul-

timo colchete da existencia n'um esvahir de desmaio.

—Sinto-me morrer... — murmurei flebilmente.

—E morre decerto!—confirmou ella com sinistra solemnidade—morre, se não mudar de comida. Quer que eu o ponha rijo? Diga á dona da hospedaria que a sua enfermeira e cozinheira sou eu.

Não esperou resposta e sahiu. Pouco depois, voltou muito afreimada, tirou a mantilha de sarja, mudou de calçado para não fazer bulha com os tacões das botinhas, cingiu um lenço na frente recolhendo os bandós, atou um avental de riscadinho na cintura e foi para a cozinha. Quando entrou com uma caçoula coberta, o perfume vaporado do rebôrdo da tampa abriu subitamente no meu olfacto uma fonte de vida, uma sensação entre espiritual e nazal, um quasi extasis, como a evidencia da immortalidade do *eu*. Arranjou a meza de leito com o ta-

lher, afofou-me as travesseirinhas nas costas angulosas, escadeadas como um pedaço de velho cancelllo desengonçado, a cair das dobradiças despregadas,—e passou para uma travessa o acipipe fumegante. Eram duas mãos de boi guizadas, loiras, de uma unctuosidade oleosa que punha caricias feroses nos dentes, e aguçava na abobeda palatina as cobiças dantescas do faminto Ugolino e de um professor portuguez de instrução primaria. Devorei uma das mãos, sopeteando no molho pedaços de pão que ingulía inteiros, soffregamente, n'uma intallação.

—Poderei comer a outra mão, snr.^a Gertrudinhas? perguntei esperando em anciosa incerteza a resposta duvidosa.

—Se tem vontade, coma. Que sente lá por dentro?

—Fome, snr.^a Gertrudes, fome!

—Então coma; a natureza que lh'o pede, é por que não lhe faz mal.

E não fez. Fumei um charuto que até

áquelle momento me nauzeara. Pedi café e cana de Paraty. Estive quasi a pedir as calças para me levantar.

—Nada de boticadas! intimou ella; e, pegando em dous frascos de pilulas de ferro de Blaud e de Vallet, e de meia garrafa de vinho quinado despejou tudo na primeira vasilha concava que se offereceu á sua indignação.—Fóra com a porcaria!—bradava gesticulando, com a cólera scientifica e a justiça indefectivel de um medico homeopata.

No dia seguinte deu-me de jantar troixas de recheio, bifes de presunto de Melgaço e meio melão. O medico assistente, o João Ferreira, grande clinico, veio á tarde, e poz-se a farejar.—Que lhe cheirava a melão! se eu praticara a loucura de comer melão?!—A Gertrudes acudiu á minha perplexidade:—que fóra ella quem o comêra; que eu, coitadinho, estava a caldos e aza de franga, uma desgraça!

O doutor tomou-me o pulso, e fez um gesto de satisfação tranquillizadora:—que eu estava melhor quanto ao pulso, um pouco rapido, mas regular; auscultou-me a região precordial; já mal percebeu o *ruído de folle*; porém, continuava a fariscar o melão, desconfiado, chegando o seu descompassado nariz absorvente ao meu perfido halito, quando me auscultava as arterias carotidas.

Á noite, visitou-me outro medico, interessado na minha cura duvidosa, como amigo. Era Camara Sinval, lente da Escóla Medico-Cirurgica, um que prégava, não por hypocrisia, mas por paixão desvairada da Arte dos Vieira e Bourdaloue, sermões ultramontanos empavezados de sapiencias academicas com grandes empolas de latim pagão. Nunca me receitava. Para as insomnias mandava-me lêr philosophos e poetas epicos. Disse-me que, na sua clinica, empregava primeiro as epopcas desde a *Iliada* até á *Henriqueida*; e, em ultimo recurso, os sys-

temas philosophicos desde Platão até Victor Cousin. Que tivera—contava—um doente de insomnia rebelde que resistira singularmente ao 1.º e parte do 2.º Canto dos *Luziadas*; mas, perdidas as esperanças de anesthesia, lhe lêra duas paginas de Kant, e o enfermo ficára sopitado n'um lethargo de Epimenides. Aconselhou-me a Homeopathia, medicina inoffensiva e de vantagem para fantasistas supersticiosos. Apenas lhe achava o defeito de ter entre os seus medicamentos uma *Eufrazia* e uma *Ignacia*; por que, se tivesse tambem uma *Athanasia*, seriam as trez Parcas com pseudonymos lethaes. Entretanto, achou-me espantosamente melhor. Não acreditava. Queria saber o que eu tinha tomado. Referi-lhe a verdade—as mãos de boi, os bifes de presunto, as troixas, o melão, a Providencia, sobre tudo a Providencia na pessoa de Gertrudes.

—É uma grande clinica a Gertrudes, disse elle; mas, se ella amanhã lhe der lam-

preia, congro de caldeirada, timbal de camarões ou sallada de pepino, aconselho-lhe que se abstenha. A morte pela fome e a morte pelo enfartamento andam sempre de braço dado.

—Mas, se a natureza pede...—atalhei plagiando Gertrudes.

—Nada de pantheismo. A natureza compõe-se de dois elementos em proporções desiguaes: Deus como um, e Diabo como trez. Sou manicheu. Apenas concedo ao Bem a quarta parte de acção na regedoria do universo. O Diabo é quem faz os venenos dos vegetaes e dos mineraes, o frio que gela o sangue e o calor que abraza o cerebro, e a hydrophobia, e o raio e os terramotos, e a colera asiatica, os miasmas homicidas dos pantanos e cavernas, e, sobre todos os flagellos, o homem que, fornecendo uma pequena parte de si, uma costella, produziu essa pessima coisa—a mulher. Não se fie na natureza, e muito menos na humana, por

que essa é a mais corruptível, e a mais fétida quando apodrece de todo. Por enquanto vá comendo as mãos de vacca; mas fique por ahi que não vá metter os pés pelas mãos.

Isto, com embrechados de latim de Horacio e da Bíblia, abalou-me quanto á dieta.

*

Conversemos um pouco a respeito d'este medico, meu querido Thomaz Ribeiro. Sinval era geometricamente materialista, uma razão emancipada das intercadencias pathologicas da Fé. E fazia e prégava sermões nas egrejas catholicas. Como n'esta farça da vida é ridiculo o papel dos homens mais intelligentes! Era atheu; por que «se existisse Deus (dizia o precito) duas das suas muitissimas perfeições seriam a Bondade e a Presciencia. Ora a *maldade* da creatura contradiz a *bondade* do creador; e a *liberdade* do

homem, condemnado por causa d'ella, faz repugnancia á *presciencia* de Deus que teria creado o homem livre para o condemnar como insubordinado. Cacologia!—exclamava elle.

Mas que falta de logica! Se eu, n'um impeto de erudição entupidora, lhe citava o invicto argumento de Voltaire: «Se não existisse Deus, seria preciso invental-o», Sinval respondia-me com Diderot: *C'est ce qu'on a fait*. E quem ficava entupido, a final, era eu, por que as minhas lettras theologicas eram uma lastima. Havia de ser hoje!... Quanto á immortalidade da alma, dizia elle que havia de esclarecer-se depois da morte. Eu não lhe replicava, por tambem me parecer esse expediente o mais acertado.

—Mas desconfio que todas as minhas trez almas são mortaes—acrescentou elle.

—Trez?!

—São trez as almas que o divino Platão me concede no *Timeu*. Dá-me uma alma

immortal na cabeça, e duas almas mortaes, uma no peito, e outra na barriga, separadas pelo diaphragma.

E, com effeito, verifiquei depois que Plató, considerado por alguns SS. PP. o precursor do christianismo, dava trez almas a cada pessoa; e, nas minhas especulações physiologicas, encontrei sугeitos com as trez almas, porém todas na barriga.

Lembram-me algumas definições d'este sensualista que sabia o seu Lucrecio de cór. Definia elle a virtude *um producto artificial da politica e da vaidade*. Aqui ha bastante sensatez; mas esta definição estava dada por Mandeville e impugnada por Berkeley, seculo e meio antes de Sinval nascer.

Definição do *homem*: «O homem é um organismo servido por bons e máos instinctos, alguns mais ferozes que os das alimarias, e nenhum tão intelligente como os do castor, das formigas e das abelhas; além d'isso, tem o dom da palavra, se lh'a ensinam, e

vai muito além do papagaio em glotica. Ha uma só distincção que extrema o homem de todos os outros animaes...»

—A alma—interrompi eu perspicazmente.

—Não. A mentira. O homem é o unico animal que mente.

Definição da *vida*: «É uma alternativa de assimilação e dessassimilação, de secreção e excreção. *Pensamento* é o resultado de combinações chimicas.»

—Então, vida organica e vida da consciencia é tudo chimica? E o Amor tambem?

—É, e da mais grosseira e trivial, por ser a unica exercitada na retorta do boticario da aldeia. O amor do homem primitivo e selvagem era uma paixão genesica, typica, servida em todo o reino animal por orgãos identicos, histiologicamente e physiologicamente semelhantes, e a final de contas uma, função exosmosica de um lado e endosmosica do outro, percebe você? O amor do homem actual e culto é a mesma exuberancia

bruta do organismo, modificado por alguns sonetos á femea; porém, no fundo da Natureza, está o inalteravel *cliché*.

E eu, melancolicamente, com gestos desolados:

—Com que então, *endosmose* o amor de Beatriz, de Laura e Leonor!... oh! oh!

E elle sorridente:

—*Sensiblerie* piegas, amigo meu, as suas interjeições theatraes. Se Beatriz e as outras meninas, em vez de gerarem, por inspiração, sonetos e poemas, tivessem occasião de gerar meninos robustos—com o quê a litteratura de cabotagem teria perdido bastante—você mal poderia explicar-me transcendentemente o phenomeno psychico do amor do Dante e dos outros e de Beatriz e das outras. Nas regiões selvaticas onde o sensualismo se retoiça desenfreadamente em promiscuidade de homens e mulheres, como classifica você esse estímulo bruto da carne? É talvez o classico Cupido que desombesta do

arco flechas de amor aos coiros fuscos dos australezes, eim? Vá perguntar a um cafre kuza se elle sabe o que é *amor*, e pergunte á cafrina se ella entende o que seja *pudor*...

—Perdão! o pudor é universal, particularmente nas mulheres sem excepção das raças mais atrasadas. Haja vista ás tangas...

—Ora muito obrigado pelas suas tangas... —atalhou Sinval a impulsos de riso—O celebre viajante Cook, na sua *Primeira viagem*, conta que em Taiti as mulheres, por um refinamento de educação esmerada, quando cumprimentam alguém, exhibem aquella metade do corpo menos usual nas exposições ao ar livre.

—Quão delicadas!

—E quão pudibundas!... Ha tribus selvagens, aliás muito castiças, em cuja linguagem falta a palavra *amor*, nem mesmo conhecem o beijo, essa mimosa delicia da epiderme que os homens aprenderam dos

pombos e das rolas, por que a bêtea humana era incapaz de inventar o beijo.

D'uma vez, resentido com aquella *litteratura de cabotagem* em que elle mentalmente me classificava, e, de mais a mais, ferido nas minhas convicções metaphysicas, sahi á liça impavidamente, e discorri por largo, e bem, com muita felicidade, provando a existencia de Deus pelo facto da minha existencia, e a divina formação do mundo pelo facto da materia bruta não se poder espontaneamente formar a si, aliás o homem, materia menos bruta, faria alguma coisa com elementos novos. Innegavelmente despehei-o; mas elle, como o Lucifer de Milton e do Braz Martins no *Santo Antonio* ainda regougava lá do fundo do abysmo:

—Vocé conhece a philosophia de Xenophanes?

Fiz um gesto de cabeça affirmativamente patarata, e elle proseguiu com um riso mor-

dazmente suspeito de que eu não sabia nada de Xenophanes.

—Xenophanes—disse Sinval solemnizando o aspeito—aos noventa e dois annos de idade lia os seus poemas didaticos de moral sancta, e pedia esmola aos ouvintes para sepultar os filhos. Morreu mais de centenário estudando sempre; e, pouco antes de expirar, fez esta profecia: «Ninguem soube, nem sabe, nem saberá nada respectivamente a Deus e á formação do mundo; e aquelle que mais egregiamente fallar d'essas coisas, será tão ignorante como os outros.» Ora você acaba de fallar egregiamente.

E retirou-se, provavelmente, confundido.

Nunca me esqueceu a opinião scientifica d'este medico a respeito do adulterio. Dizia elle com aprumo cathedratico e um sorriso rabelaiseano:—Esposa perfida e esposo trahido são effeitos necessarios e fataes de influencias celestes—coisas do Zodiaco. Uns homens, os seductores, nascem no Signo de

Leão, e d'ahi vem chamarem-se *leões*; outros homens, os minotaurisados, nascem no Signo de Capricornio, e d'ahi vem chamarem-se o que você sabe. É como eu penetro n'esta escura e hedionda voragem do adulterio, com o facho mathematico da Astronomia.

—Em que Signo nasceria eu?—murmurei meditabundo, ingenuamente.

E elle, com solemnidade comica:

—No Signo de *Libra* não seria por que o vejo bastante falho d'essa especie. Persuado-me que seria no de *Caranguejo*, (*Cancer*) quando leio na gazeta as suas teorias sociologicas; mas, á vista do candor donzel da sua lyra amorosa, bem póde ser que você nascesse no Signo de *Virgem* (*Virgo*). Fosse como fosse, faço votos amigos e sinceros por que não nascesse no de *Capricornio*, nem no de *Touvo* (*Taurus*), nem no de *Carneiro* (*Aries*), por que todos tres possuem excrescencias symbolicas por onde se explica a

profusão dos influenciados. Ha pontas de mais no Zodiaco, não acha?

—Sim, acho bastante sortido o Zodiaco. Parece a capital de um reino civilisado.

—Pois os legisladores não percebem d'isso nada. Estão ainda com o direito canonico da idade-média, permittindo que o trahido mate a adúltera, e mandando em paz o marido adúltero colhido em flagrante delicto. E note você—exclamava Sinval n'uma irritação de consciencia revoltada—note você que a legislação christianisada da idade-média, muito cruel para as mulheres e indulgentissima para os homens, era feita sob o influxo dos concilios! Realmente as mulheres devem grandes obsequios ao christianismo, e pódem fiar-se nos prégadores e nos moralistas *rococos* dos Semanarios religiosos que, uns por ignorancia e outros por obrigação do officio, a bigodeam com a sua emancipação! A certos respeito, não ha paiz como este nosso para ossificações de umas certas

ignorancias convencionaes. Conta-se que Jesus perdoára a uma adúltera, por que entre os seus proprios discipulos e o mulherigo que a seguia escandalizado na piugada dos esbirros, não havia creatura limpa do mesmo peccado que lhe atirasse a primeira pedrada. Bem boa corja, *cela va sans dire!* Pois, quer seja factó, quer seja parábola, temos muito que deslindar entre a philosophia messianica de Christo e a religião dos christãos. O ideal humanissimamente caridoso de Jesus, quanto á fragilidade da mulher, não tem que vêr com o *Matrimonio* do jesuita Sanches e o *Livro V das Ordenações*. Logo que Jesus, immolado inutilmente á arraia-miuda da Galilea, fechou os olhos, as adúlteras judias e as conversas ao christianismo deturpado de Paulo, continuaram a ser apedrejadas; e, rodados 1849 annos de civilisação deste a trágedia do Golgotha até á comédia da Carta-Gaioso, certo artigo do Codigo Penal, que nos rege, permite que o

esposo trahido estrangule a adultera, sem lhe dar tempo a invocar o misericordioso perdão exemplificado por Christo. Pobres mulheres! que rica emancipação! (1)

Este trecho de discurso não era incontestavelmente um modelo de eloquencia do pulpito catholico; mas o caso é que eu não sabia então destecer-lhe os fios do sophisma. Havia de ser hoje!... E este homem—que tinha um talento anecdotico, relampejante

(1) *Nota illustrativa.*—Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval era esturrado patulêa da Junta rebelde do Porto, e commandára com honras de coronel o batalhão academico. Além d'este predicado faccioso, Sinval tinha o exemplo do austero historiador A. Herculano, que escreveu: *A historia do liberalismo é uma comedia de máo gosto.* E, resalvando as duas nobres personagens, D. Pedro IV e Mousinho da Silveira, accrescentára: *O resto não vale a penna da menção. São financeiros e barões, viscondes, condes e marquezes de fresca data e mesmo de velha data, commendadores, grão-cruzes e conselheiros: uma turba que grunhe, borborinha, fura, atropellando-se e acotovellando-se, na obra de roer um magro osso, chamado orçamento, e que grita aqui-d'el-rey! quando não pôde tomar parte no regabofe.* Quanto á «Carta-Gaioso» a gente velha ainda conheceu no Porto a corista d'aquelle appellido que cantou o hymno da Carta Restaurada no theatro de S. João, e desde ahí ficou identificada, a Gaioso, com o codigo das liberdades patrias.

de remoques de Swift e de Voltaire, ironias feitas de potassa caustica, indultando com risos sarcasticos os vicios sociaes que afogam em lagrimas as suas victimas — Camara Sinval padecia no cerebro uma doença irrisoria, a monomania de prégar sermões bombasticos ácerca do S. Sacramento, que por ahi andam em um grosso volume posthumo, com um prefacio meu, ha mais de vinte annos. A prosa de Sinval tinha a sonoridade rythmica do verso heroico. Possui impressa uma das suas orações proferidas na abertura das aulas medico-cirurgicas. Começava assim: *Tem o sanhudo leão falcadas garras, tem a limida lebre agudo ouvido, vista perspicaz a aguia generosa...* São trez hondecassyllabos arcadicos bem feitos, pomposos.

*

Voltando á minha enfermidade mortal, no dia seguinte restringi-me ao bacalháo assado

muito saturado do alho estomacal. O bacalhão conquistou na moderna therapeutica das gastrodynias, nas dyspepsias e gastrites chronicas uma reputação tonica, restaurante; quanto ao alho, esse gosa creditos de antidoto da raiva; porém, n'aquelle tempo, o reles pescado da Terra Nova era considerado comestivel apenas assimilavel a estomagos de patagões, com a potencia digestiva de ogres; e, a respeito do alho, pessoa que cheirasse a elle tinha as inquirições tiradas desde malandro até scelerado.

Como quer que seja, eu, alternando o bacalhão com as tripas de boi—as tripas, o heroico brazão do Porto—um complexo aphrodisiaco de chispe, de paio, aves, hervanços e coloráo; recuperei, ao cabo de duas semanas, forças extraordinarias e tamanhas que, n'um transporte de gratidão, levantei Gertruria e passei-a triumphalmente nos meus braços. Quando as chloroses e as anemias estão grassando nos grandes centros como doença en-

demica da geração nova depauperada, eu faltaria ao sagrado dever altruista, se não offercesse este boletim sanitario aos que padecem. Que elles principiem pela mão de vacca e concluem a sua cura com tripas sortidas.

Entretanto, o doutor João Ferreira propalava a minha cura da perigosa opilação como a mais rara e inesperada da sua clinica, mediante o ferro e o vinho quinado. Tinha-me arrancado das prêzas da morte, dizia-se; e a minha engomadeira, uma devota velhinha, asseverava que fôra o martyr S. Torquato de Guimarães que a obsequiára mais uma vez, curando-me.

*

Depois, no resvalar de doze annos, as vagas aparcelladas da minha derrota em demanda do Prestes-João do Ideal, sendo piloto o marido assás conhecido de Psyche, baldea-

ram-me a regiões inhospitas onde não podia encontrar Gertrudes. Nunca mais a vi; mas, como a saudade me estava sempre negaccando para aquelle tempo, a imagem d'ella acompanhava as minhas recordações de perdas irreparaveis, desde uns aureos sonhos de trovador que eu sonhára, até outros «sonhos» de farinha e manteiga que a Gertrudes fazia com o auxilio dos ovos. Eu sentia, a um tempo, o perfume dos anhelitos de Marília bella e o das murcellas incomparaveis de Gertruria. A vergonhosa dualidade do coração do homem! Se não fossem as falacias metrificadas, e o lyrico, depondo o alaude, se confessasse ingenuamente em prosa, não haveria arrôbo de alma que não sahisse apelintrado pela concumitancia ignobil das caçoulas.

*

Quando li a noticia da morte de Gertrudes, e não pude duvidar que a naufragada

era a minha restauradora, meditei solver a minha dívida de gratidão com um artigo necrológico, por não ter sufficiente confiança na utilidade de uma missa *de requiem*, a doze vintens, vinho por conta do padre.

Eu tinha pertencido por algum tempo a uma sociedade de homens de letras, quasi exclusivamente dedicados á especialidade «necrologias de defunctos illustres». Eramos os gatos-pingados do Baluarte. Choravamos enormes artigos bem phraseados e estrangulados de interjeições afflictas, com epigraphes em latim, sobre defunctos analphabetos que, á mingua de instrucção primaria, não poderiam na celeste mansão tomar conhecimento da nossa prosa. Andavamos tão assanhados n'esse fariscar de chacaes o cêvo litterario de carne morta que seriamos capazes de assassinar pessoas distinctas, se as indigestões, as tuberculoses, a cachexia mercurial, o escrofulismo, os figados engorgitados e a pharmacia nos não dis-

pensassem de alimentar com sangue humano o cannibalismo da Arte elegiaca. O presidente da sociedade era José Barbosa e Silva, um moço de grande talento, diplomata em Berlim, deputado por Vianna do Castello, sua patria. As necrologias que este adoravel rapaz estampou são as de todos os mortos seus contemporaneos, seus amigos, seus conhecidos, ou apenas amigos ou conhecidos de uns sujeitos que elle podia vir a conhecer. No torvelinho dos prazeres, que todos experimentou, José Barbosa parava de repente a olhar para o golpho que lhe sorvia um companheiro; e, como presagiava morrer aos vinte e oito annos, quando carpia os outros, ponderando a tristeza da morte, parecia chorar sobre si mesmo.

Fallecido Barbosa e Silva, o maior numero de seus amigos escriptores tomou a sério a desgraça da morte, e experimentou a impossibilidade de escrever necrologias quando a dôr é sincera e inconsolavel. Os socios

da instituição carpideira já quasi todos naufragaram por essas restingas dos cemiterios. Os raros que ainda restam, sentados á ourela do rio negro, encolhidos, a tiritar na algidez de decrepitos, e de mãos inclavinhas nos joelhos, ainda ouvem as commorações funebres da actualidade, e por vezes rejubilam na sua jactancia senil quando se vêm plagiados n'estas fórmulas da necrologia moderna:

Mais uma saudade para a terra, mais um anjo para o céo, etc.

Mais uma vida ceifada em botão pela fouce, etc.

A aza negra da impavida morte acaba de roçar as faces do nosso amigo, etc.

A sangrenta Parca acaba de cortar, etc.

A cega Atropos que tanto bate á porta do palacio como da choupana, etc.

E estes dizeres que já foram formulas sérias, sacramentaes, e estímulo a torrentes de lagrimas, são hoje em dia uns humorismos inconscientes que despojam a morte de toda a sua respeitabilidade e circumspecção.

*

Pois, Thomaz Ribeiro, não pude redigir a necrologia de Gertrudes!

Tu que és sensível e conheces os arcanos da arte,—que possues illesas do golpe dos desenganos as cellulas funcçioaes das illusões queridas, (isto é—a alma incolume, com as suas 3 potencias, numeração antiga); e conservas a candura juvenil do coração, (*co-
ração!* o musculo nutricao com auriculas e ventricolos!—relevo o archaismo provençalêsco que me faz cocvo de Macias, o Enamorado), do musculo, digo, que não encanecceu em breves annos de infortunio sem treguas; e, na idade da prosa de ministro da corôa, ainda te commoves sob o impressionismo affectivo do inolvidavel poeta do D. JAYME, imaginas, porventura, que eu não pude escrever por que as dôres immensas são mudas, e os repellões da pai-

xão turbulenta impedem que a phrase se accepilhe e pula e arredonde. Agradeço o teu conceito que ao mesmo tempo me lisongeia e adultéra; mas a razão é outra—é deploravel. Queres saber por que não escrevi a necrologia da humilde mulher que me salvou? —foi por que ella me salvou como cozinheira. Por mais combinações que fiz com as grosas de allegorias de que dispunha, por mais embrechados de figuras que os canones de Quintiliano me liberalisassem, não atinei com uma evasiva consentanea com a minha cathegoria de philaucioso casquilho em *redingotes* do Catarro e letras amenas. Eu tinha escripto bastantes artigos fúnebres, catadupas de pranto sobre os esquifes de matronas varias que haviam nascido *gertrudes*, e do tamborête da cozinha avoenga se esvoaçaram nas azas da bebida fortuna para os diwans bysantinos e d'ahi para os jazigos marmoreos. A penna corria-me de vontade, no fremito da inspiração, e as perolas, crys-

talisações do muco lacrimal, saltavam-lhe dos bicos quando a defuncta levava atraz da sua podridão muitas carruagens, e era suffragada na egreja refulgente de tochas, em uma neblina de incenso, por uma berrata fanhosa e barbarêsa de levitas, com barrigas basilicaes, que decerto, se os transportassem ás missões africanas, ririam ás escancaras da algazarra que fazem os cafres á volta de um morto.

Figurou-se-me, além d'isso, que a imprensa, moderadamente democratica e cheia de conveniencias melindrosas, se constringeria tolerando nas suas columnas, por comprazer á minha ridicula magua, a necrologia da cozinheira Gertrudes. De mais a mais, eu não sabia como alçar o estylo prismatico, de adjectivos rutilos, de modo a deslumbrar a critica soez, e a não desafiar o sorriso gaiato dos dandys pela importancia que eu dava á minha sanidade physiologica restaurada pela mão de vacca. Ser-me-ia talvez possivel

equilibrar na gymnastica de locuções explosivas, victorhuguescas, onomatopaicas o interesse da morta, descrevendo o naufragio do barco rabêllo com os horrores do brigue *Mondego* ou da fragata *Medusa*. Eu conhecia umas esfusiadas pyrothechnicas de metaphoras que punham enthusiasmos furiosos na dramatologia epileptica do Theatro-Normal, volcanisando as familias incendiarias da rua dos Bacalhoeiros; e ainda agora não passam de todo despercebidas á minha pasmaceira de minhôto palerma.

Ainda cheguei a ensaiar o genero... *Os relampagos afuzilavam... O céu phosphorcava as suas lampadas sinistras para vêr a lucha do abysmo. Eram os albatrozes, n'um arquejar estridente, a pairarem na treva superior com as suas azas de fogo. As aguias do Marão, acoissadas pelos bulcões das cumiadas, acolhiam-se ds concavidades da serra, e passavam grassando o threno da desolação por sobre o paroxismo dos naufragos. Zuniãam furacões asso-*

biando pelas espaldas angulosas dos penhascos... A tripulação, n'um clamor de agonias, a bradar «misericordia!»... O baixel arfava no dorso do vagalhão, ou, cuspidos ás nuvens, resvalava na voragem onde as pranchas descosidas ringiam asperrrrrimamente. (Onomatopeia)... Castellos de nuvens dtras desabavam n'um estrallejar de ribombos; o escarceu verde-bronze, topstando com o ether zebrado de coriscos, baqueava-se depois n'um marulhar de espumas rugidoras... O cahos de cima a descer, a descer com a mortalha de treva sobre o abysmo que subia, subia n'uma ressonancia de maldições ao FIAT, creador das sevas angustias ineluctaveis do homem. E o naufrago cravava olhos piedosos no céo; e via listrarem-se as centelhas dos raios, como se os Titans revolucionados arrojassem á cara de Jupiter as escumalhas igneas das suas forjas. E o barão de Forrester, ao portaló, hirto, impavido como Nelson no Trafalgar..., etc. Tudo isto e o resto me sahiu ao pintar, e exacto como uma

photographia, na descripção de um desastre de barco de pipas ido a pique entre dois cahãos do Douro; mas, a final, o que eu não sabia era diluir em synonymias e paraphrases coherentes com a tremenda catastrophe o qualificativo «cozinheira». Ainda se Gertrudes, filha de um desembargador miguelista ou d'um brigadeiro capitulado em Évora-Monte, com alguns appellidos historicos, houvesse descido as escaleiras da necessidade, sem deslise da honra, até á baixeza do seu officio, talvez que eu ousasse arcar com a necrologia, apostrophando o flagello da guerra civil que acorrentou á grilheta do fogão e da bateria de panellas aquella mulher nascida para rastolhar, sobre tapetes, *moires* crepitosas, laminadas de brilhos metalicos ondulantes, e para saltar com tregeitos desenvoltos, n'um derrengue arregaçado e esquadrihado de *écuyère*, da estribeira do *landeau*, armorejado de paquifes arrogantes e escudos e timbres com passaros prehistoricos

e hydras assanhadas, á porta das modistas; —para reinar, emfim, nos theatros, no turbilhão dos bailes, nos balcões dos bazares philanthropicos, na Caridade-*Flirtation*, e talvez no *sport* e no *turf*. Mas Gertrudes não tinha appellidos: era miseravelmente *Gertrudes Engracia*, d'um plebeismo razo, filha da Engracia, já celebre cozinheira dos fidalgos Mellos, casada com o Bento, cozinheiro famoso dos fidalgos Cyrnes, o qual cazára com uma cozinheira não menos distincta dos fidalgos Pamplonas. Esta genealogia, entre duas receitas de pudins de batata, encontrei-a escripta pelo pai de Gertrudes nas costas do frontispicio de um velho livro que ella me deu chamado *Alivio de tristes e consolação de queixosos*. E da mesma arvore de geração constava que seu terceiro avô materno fôra abbade de Miragaya e sua quinta avó paterna era filha de um frade loio. Estes dois clerigos propagadores, como elementos genealogicos, não me pareceram im-

periosamente exuberantes de moralidade e justiça para que eu, apostrophando a execravel guerra civil, a responsabilisasse pela decahida posição servil da neta do frade e do abbade.

*

Aqui tens, Thomaz Ribeiro, um coração aberto pelo remorso que se offerece á dissecção do teu bisturí. Santo Agostinho, imbecilitado pela piedade, e J. J. Rousseau, desbragado pela sua dissimulada philosophia cynica, deram-me o exemplo de vir á praça com a confissão tardia de uma pusillaniedade que dá a medida da miseria humana, e particularmente dos artistas de necrologias. N'este escripto, vim justificar duas bestialidades protervas: a minha ingratição e o clyster inglez. Agora, sinto-me bem, muito desabafado. Talvez lhe deva a elle, á *jeropiga* desobstruente do Forrester,

este despacho da consciencia. Ha exemplos confirmados por aforismos de Hippocrates.

Se chegaste aqui sem fastio, és um anjo de paciencia e de problematico bom-gosto. Decerto uzurpei á patria uma hora das tuas contemplações sanitarias sobre a revisão da CARTA, que anda agora mui frequente na revista—o que me parece rasoavel, se ella, não obstante a *bigoterie* do Artigo 6.º, se tornou suspeita de virginismo insufficiente para reger um paiz pudibundo.

Seja como fór, n'este opusculo esfervilham episodios desvairados que desatremam do assumpto e do titulo. São exuberancias que extravasam de uma grande medida cogulada de annos e de reminiscencias. O criticismo unhará o abuso do subjectivismo indisciplinado, a desorientação do objectivo impessoal, da Arte Pura com maiusculas, finalmente—o romanêscó. Affoito-me, todavia, a esperar que os criticos práticos, tendo em

vista os episodios extravagantes, afóra os gallicismos de que é capaz o seu aristocrata Tokay, usarão com o meu modesto «vinho do Porto» a sua costumada indulgencia generosa. E permitta a minha benigna estrella que os almotacés d'este folheto, quando hajam de aquecer o seu criterio no calorifico de alguma beberagem nervosa e suggestiva, prefiram o Johannisberg palaciano ao garoto Cartaxo do *José dos Caracoes*; por que, a final de contas, nem todos os criticos espiritados por vinhos canalhas tem o *humour* faiscante de Poë, de Hoffmann, de Marlowe, de Zacharias Werner e de Bocage—uma constellação de bebados immortalmente classicos.

Ainda se não disse tudo.

N'este pedaço de litteratura da decadencia, ou decahida de todo, observe a critica

escorreita que ha dois projectos: um é patente, o outro é clandestino. O primeiro é— arrazar Inglaterra; e, com effeito, arraza-se. O projecto clandestino, um tanto arteiro, é obter pelo sophisma tortuoso da lettra redonda, typo-Elzevir, o que o mercieiro alcança com o correcto syllogismo dos azeites e dos farinhaceos. O Espiritual ousa correr o pário com o Comestivel: a meta é o habito de Christo. Que o mercieiro, melindrado na sua prosapia de authropoide, não se agaste, se eu o lanço n'estas correrias de hippodromo. Não lhe conheço outros dons que o habilitem a entrar no *sport*.

Emfim, quando voltares a ministrar os negocios do reino, Thomaz Ribeiro, não me percas d'ólho o meu habito de Christo, merecido pela façanha heroica e pouco trivial de arrazar Inglaterra. Bem vêes que estas ambições aliás temerarias, confesso, não ultrapassam desmedidamente as bali-

sas do meu merecimento. A almejada venera é a infima, penso eu, a mais piranga característica ethnica da raça que domina esta nesga rasgada da Espanha, (que m'o releve D. JAYME)—umas noventa leguas, metade incultas; e, assim mesmo, na povoação d'essa metade, inçam e pompeiam, segundo conta o *Almanac Commercial para* 1884, cento e vinte dois condes, trezentos e quatro viscondes, e cento e noventa barões. Quanto a commendadores, quem contou as gotas do mediterraneo, as areias do Sahara e as estrellas da Via-Lactea? Ora, a respeito do habito de Christo, isso já agora, bem sabes, é uma coisa que se exporta para o estrangeiro como amostra da nossa unica industria; mas envia-se gratuitamente como os *Grands Magasins du Printemps* nos remettem de graça, francos de porte, os retalhinhos das suas fazendas.

Ah! que eu não morra nú d'esse habito!
Concedam-me, na morte ao menos, essa insignia de christão em terra de moiros.

S. Miguel de Seide, abril, 20, 1884.

